

1

Bela

Eu viajava em cavalos de muda, proveniente de Tiflis. Toda a bagagem do meu carro consistia numa pequena mala cheia até meio pelos meus apontamentos da viagem pela Geórgia. A maior parte desses escritos, felizmente para o leitor, viria a perder-se, mas a mala com o resto dos meus pertences salvou-se, felizmente para mim.

O sol já começava a esconder-se por trás da serra nevada quando entrei no vale Koichaur. O cocheiro osseta não parava de acicatar os cavalos, para que pudéssemos subir o monte Koichaur antes de a noite cair, e cantava bem alto as suas canções. É um lindo sítio, este vale! Erguem-se de todos os lados montes inacessíveis, rochedos avermelhados cobertos de heras verdes e coroados com as copas dos plátanos, escarpas amarelas riscadas de sulcos, e lá em cima, muito alto, a franja dourada das neves; em baixo corre o Aragva, abraçado a outro riozinho sem nome, irrompendo ruidosamente de um desfiladeiro negro, coberto de brumas, esticando-se como um fio de prata e brilhando como escamas de serpente.

Ao aproximarmo-nos do sopé do monte Koichaur, parámos junto do *dukhan*¹. Lá dentro aglomeravam-se uma chusma barulhenta de duas dúzias de georgianos e montanheses; junto da estalagem estava parada, para a pernoita, uma caravana de camelos. Vira-me obrigado a alugar bois para puxarem o meu carro até ao alto deste maldito monte, já que era Outono e o piso estava gelado, um monte de duas verstás² de altura.

Não pude fazer mais nada senão arranjar seis bois e contratar vários ossetas. Um deles carregava aos ombros a minha mala, os outros ajudavam os bois, ajuda que se resumia a gritos e imprecações.

Atrás do meu carro seguia outro que, apesar de abarrotar de carga, era puxado apenas por quatro bois, o que muito me espantou. Atrás desse

carro caminhava o dono, fumando um curto cachimbo cabardo com engastes de prata. Vestia uma sobrecasaca de oficial, mas sem dragonas, na cabeça assentava-lhe o gorro circassiano felpudo. Parecia rondar os cinquenta anos, o bronze da sua tez curtida revelava uma familiaridade de longa data com o sol transcaucasiano; o bigode precocemente encanecido não correspondia ao seu andar firme e ao seu ar enérgico. Aproximei-me dele e cumprimentei-o; devolveu a minha vénia em silêncio e soltou uma baforada espessa de fumo.

— Parece que vamos na mesma direcção?

O homem voltou a inclinar silenciosamente a cabeça.

— O senhor, pelos vistos, vai para Stávropol?

— Exactamente... com uma carga pública.

— Diga-me uma coisa, por favor: porque é que quatro bois puxam o seu carro sem esforço nenhum, e o meu, que vai vazio, mal se mexe com seis e com todos estes ossetas?

O homem fez um sorriso manhoso e lançou-me um olhar significativo.

— O senhor deve andar há pouco tempo pelo Cáucaso.

— Há um ano — respondi.

Voltou a sorrir.

— Porque será?

— Pois é... Estes asiáticos são uns grandes malandros! Acha que a gritaria deles ajuda alguma coisa? Sabe-se lá que diabo é que eles gritam! Os bois é que os percebem; nem que atrele vinte animais, esta gente berra-lhes na sua língua e os bois não se mexem... É uma malandragem! O que se pode fazer com eles? Gostam de sacar dinheiro aos viajantes, mais nada... Patifes, é um povo estragado!... O senhor vai ver, ainda lhe vão pedir mais algum para vodca. Conheço-os bem, a mim não me aldrabam!

— Há muito tempo que o senhor está cá ao serviço?

— Já cá estava quando o comandante ainda era o Aleksei Petróvitch³

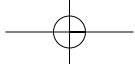
— respondeu, endireitando-se com orgulho. — Quando cheguei à Linha⁴ tinha a patente de segundo-tenente — acrescentou. — No tempo dele fui promovido duas vezes, por campanhas contra os montanhese.

— E agora?...

— Agora pertenço ao terceiro batalhão da guarda fronteiriça. E o senhor, se me permite a pergunta?...

Respondi-lhe.

A conversa parou aqui e, calados, continuámos a andar, um ao lado do outro. No cume da montanha havia neve. O sol já se pusera, a noite caíra, brusca, sem o intervalo do crepúsculo, como era próprio do sul; mas,



graças ao brilho da neve, via-se o caminho, menos abrupto mas ainda a subir. Mandeí pôr a minha mala dentro do carro, mandei substituir os bois por cavalos e lancei o último olhar para trás, para o vale; mas depressa o nevoeiro espesso, que brotara velozmente em vagas dos desfiladeiros, já cobria completamente o vale e, lá de baixo, nem o mínimo som chegava aos nossos ouvidos. Os ossetas, em grande alarido, rodearam-me e exigiram dinheiro para a vodca, mas o capitão ralhou-lhes com tanta rispidez que eles se dispersaram num instante.

— Irra, que povo! — disse ele. — Não sabem dizer «pão» em russo, mas aprenderam a dizer: «Oficial, dá alguma coisa para a vodca!» Quanto a mim, os tártaros são melhores: pelo menos não bebem...

Faltava mais ou menos uma verstá para chegarmos à estação de posta. Era tanto o silêncio a toda a volta, tanto, que se podia seguir o voo de uma melga pelo zumbido. À esquerda era a negrura de um desfiladeiro profundo; à nossa frente, para lá do desfiladeiro, erguiam-se os cumes azul-escuros das montanhas, sulcados de rugas, cobertos de camadas e camadas de neve, delineando-se no firmamento pálido que ainda guardava o último revérbero do sol poente. No céu escuro começavam a cintilar as estrelas e, coisa estranha, pareciam mais altas do que no nosso norte. De ambos os lados do caminho erguiam-se pedregulhos negros e nus; aqui e ali assomavam-se da neve os arbustos, mas nem uma folha seca bulia, e era agradável ouvir, no meio deste sono mortal da natureza, o bufar cansado da tróica da posta e o tinir irregular da sineta russa.

— Amanhã vai estar um tempo maravilhoso! — disse eu.

O capitão não me respondeu, apontou com o dedo para uma montanha alta que se erguia à nossa frente.

— É o quê? — perguntei.

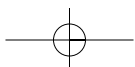
— É o monte Gud.

— E então?

— Olhe como fumega.

Efectivamente, o monte Gud fumegava; pelas suas encostas rastejavam farrapos leves de nuvens e, no cume, pousava uma nuvem negra, tão negra que até no céu escuro se salientava como mancha espessa.

Já avistávamos a estação de posta e os telhados das *sáklias*⁵ à sua volta, já bruxuleavam aos nossos olhos as suas luzinhas convidativas quando, de chofre, soprou um vento húmido e frio, o desfiladeiro ressoou e começou a chuveisar. Mal tivera tempo de lançar aos ombros a *burka*⁶ e já a chuva se transformava em neve copiosa. Olhei com certa veneração para o capitão...



— Temos de pernoitar aqui — disse ele, desagradado. — Com esta nevasca não podemos passar os montes. Ouve lá — perguntou ao cocheiro —, houve desabamentos no Krestovaia?

— Não, senhor — respondeu o cocheiro osseta —, mas ele há muita neve prestes a desabar.

Por não haver quartos para os viajantes na estação, despacharam-nos para uma *sákliá* fumarenta. Convidei o meu companheiro a tomar chá comigo, já que eu tinha uma chaleira de ferro fundido — meu único consolo nas minhas viagens pelo Cáucaso.

A *sákliá* estava encostada a um rochedo; chegava-se à porta por três degraus húmidos e escorregadios. Entrei às apalpadelas e esbarrei contra uma vaca (nestas habitações, o estábulo substitui a sala dos criados). Não sabia onde meter-me: aqui baliavam ovelhas, ali resmungava um cão. Felizmente, brilhou uma luz que me ajudou a orientar e a encontrar uma abertura, uma espécie de porta. Aqui, deparei com uma cena bastante curiosa: a vasta *sákliá*, com o telhado apoiado em duas vigas negras de fumo, estava cheia de gente. No centro crepitava uma fogueira acesa no chão, e o fumo, que o vento devolvia à casa por uma abertura no telhado, formava uma cortina tão espessa a toda a volta que eu tive dificuldade em distinguir as coisas; perto do fogo estavam sentadas duas velhas, muitas crianças e um georgiano magricelas, todos eles esfarrapados. Nada a fazer, lá nos acomodámos à beira do lume, acendemos os cachimbos e, pouco tempo depois, a chaleira já assobiava carinhosamente.

— Que miséria! — disse eu ao capitão, apontando para os nossos anfitriões imundos que olhavam para nós em silêncio e numa espécie de torpor.

— Povo estúpido! — respondeu ele. — A sério, não sabem fazer nada, não têm jeito para aprender seja o que for! Os nossos cabardinos ou tchetchenos, embora sejam bandidos e maltrapilhos, ao menos têm cabeças arrojadas; ora, estes nem sequer têm gosto pelas armas: nenhum deles tem um punhal razoável. São ossetas, não é preciso dizer mais nada!

— O senhor esteve muito tempo ao serviço na Tchetchénia?

— Sim, estive lá dez anos numa fortaleza, com a minha companhia, perto do Kámenni Brod... conhece?

— Ouvi falar.

— Pois é, meu amigo, já estávamos pelos cabelos com esses bandidos. Hoje em dia já estão mais sossegados, graças a Deus; mas, dantes, bastava afastarmo-nos cem passos do aterro e tínhamos logo um desses diabos felpudos à perna. Mal nos distraíamos, era certo e sabido: ou o laço na garganta ou uma bala na nuca. Mas são valentes!...

— De certeza que passou por muitas aventuras, não? — perguntei, cheio de curiosidade.

— Pois! Acontecia...

Pôs-se a beliscar a ponta esquerda do bigode, baixou a cabeça e ficou pensativo. Eu estava ansioso por lhe arrancar uma história — é este o desejo de todos os viandantes de caderno de apontamentos. Entretanto, o chá ficou pronto; tirei dois copos da mala, pus um diante dele. Deu um gole e disse, como de si para si: «Pois é, acontecia!» Esta exclamação deu-me grandes esperanças. Sei que os veteranos do Cáucaso gostam de conversar, de contar histórias; e raramente têm essa oportunidade: há quem fique cinco anos seguidos, com a sua companhia, num cu-de-judas qualquer, sem que, durante todos esses anos alguém lhe dê um «ora viva, como está?» (sim, porque o vagonista limita-se a levar a mão à pala). Ora pois, mas há sempre assunto para tagarelar: a toda a volta vive o povo selvagem, curioso; todos os dias há perigo, casos de espantar; é então que lamentamos o facto de que, entre nós, poucas vezes se passem as coisas a escrito.

— Não quer misturar um pouco de rum? — perguntei ao meu interlocutor. — Tenho aqui rum branco de Tiflis; o ar está frio.

— Não, obrigado, não bebo.

— Porquê?

— Porque sim. Fiz a mim próprio esta promessa. Era ainda segundo-tenente e nós, os oficiais, metemo-nos numa pândega pegada, mas de noite foi dado o alerta; e fomos para a formatura com os copos e, quando Aleksei Petróvitch soube, levámos uma grande ensaboadela: valharnos Deus, como ele ficou fulo connosco! Por pouco não nos mandou para tribunal. É verdade, às vezes passamos o ano todo sem ver ninguém e, se houver vodca... então estamos perdidos!

Ao ouvi-lo falar assim quase perdi a esperança.

— Digamos, por exemplo, os circassianos — continuou. — Embebedam-se num casamento ou num funeral, e começa a navalhada. Uma ocasião saí ileso por sorte, e foi isso em casa de um «príncipe» pacífico, veja lá.

— Como foi isso?

— Foi assim (encheu o cachimbo, acendeu-o e começou a contar): pois bem, naquela altura eu estava com a minha companhia numa fortaleza por trás do Térek... há-de haver quase uns cinco anos. Ora um dia, era no Outono, chegou o transporte com provisões; com o transporte vinha um oficial, um jovem dos seus vinte e cinco anos. Apresentou-se de uniforme completo e relatou que recebera ordens de ficar na minha for-